

**AS ROSAS, OS LOUCOS E O CONTEXTO POLÍTICO DE  
BARBACENA NO ROMANCE *O GRANDE MENTECAPTO*, DE  
FERNANDO SABINO**

**THE ROSES, THE MADMEN AND THE POLITICAL CONTEXT OF BARBACENA  
IN THE NOVEL *O GRANDE MENTECAPTO* BY FERNANDO SABINO**

**Glauber Soares Junior<sup>1</sup>  
Dr. Daniel Conte  
Dr. Ernani Mügge  
Dr. Claudia Schemes  
Mariana Martins Ceolin**

**Resumo:** Em obras literárias, a interrelação entre as dimensões histórica, social e estética é evidente. Dessa forma, ao entrelaçar essas categorias, a literatura busca narrar a ação humana, utilizando-se de eventos históricos e culturais. Esse artigo propõe analisar a forma em que o contexto histórico e sociocultural do município de Barbacena (MG) é figurado na obra *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino. No romance, que possui Geraldo Viramundo como personagem central, as dinâmicas sociais barbacenenses são vivenciadas por ele e representadas com verossimilhança em quatro momentos principais: a) a produção e comércio de rosas por um alemão; b) a presença de um manicômio, aludindo ao Hospital Colônia; c) o contexto político turbulento, com dois grupos familiares dominando as dinâmicas locais; e d) a presença de figuras históricas, como a do escritor francês Georges Bernanos, evidenciando uma intertextualidade latente para a produção de efeitos de sentido no leitor.

**Palavras-chave:** Literatura, cultura, história, identidade.

**Abstract:** In literary works, the interrelation between historical, social, and aesthetic dimensions is evident. By intertwining these categories, literature seeks to narrate human action, utilizing historical-cultural events. This article proposes to analyze how the historical and sociocultural context of the municipality of Barbacena (MG) is depicted in Fernando Sabino's work "O Grande Mentecapto" (The Great Loony). In the novel, with Geraldo Viramundo as the central character, the social dynamics of Barbacena are experienced by him and realistically represented in four main moments: a) the production and trade of roses by a German; b) the presence of a mental asylum, alluding to the Hospital Colônia; c) the turbulent political context, with two family groups dominating local dynamics; and d) the presence of historical figures, such as the French writer Georges Bernanos, highlighting latent intertextuality for the production of meaningful effects on the reader.

**Keywords:** Literature, culture, history, identity.

## **Introdução**

Contextos sociais figuram na materialidade ficcional. O social, ou o fator externo, exerce importante índice constitutivo na construção estruturante da obra e, assim, torna-se fator interno (Candido, 2006). Nessa ordem, a interpretação desse tipo de artefato cultural carece sempre da associação entre o texto e o contexto nele representado.

Muitos escritores movimentam-se em direção a contextos históricos próprios e alteros para embasar suas narrativas ficcionais, neles recolhendo subsídios materiais do imaginário social com o intuito de uma construção narrativa. O inverso também ocorre, quando

---

<sup>1</sup> **Glauber Soares Junior**, (Ubá, MG, e Universidade Feevale, RS, Brasil), mestre e doutorando. **Dr. Daniel Conte** (Universidade Feevale, RS, Brasil). **Dr. Ernani Mügge** (Universidade Feevale, RS, Brasil). **Dra. Claudia Schemes** (Universidade Feevale, RS, Brasil). **Mariana Martins Ceolin**, (Universidade Federal de Viçosa, UFV, Viçosa, MG) graduanda

historiadores, ao entrelaçarem suas habilidades com a disciplina literária, estudam contextos sociais específicos pela literatura (Chiappini, 2000). Por esse ângulo, a literatura é um profícuo campo para a realização de pesquisas interdisciplinares, pois podem ser amalgamadas perspectivas distintas para o arranjo simbólico da representação do real.

Com esses pressupostos, essa proposição objetiva analisar de que forma o contexto histórico e sociocultural do município de Barbacena (MG) figura em *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino. Buscou-se elencar e responder, desse modo, de que maneira e quais elementos culturais da cidade – que está localizada na região do Campo das Vertentes no sudeste mineiro – são representados no texto.

*O Grande Mentecapto* é um romance publicado pela primeira vez em 1979. Ao longo dos oito capítulos e mais um epílogo, o texto narra as aventuras de Geraldo Viramundo em suas andanças pelo estado de Minas Gerais. Como observado por Silva (2022), ao utilizar de recursos intertextuais, cenas cômicas, sérias e trágicas são apresentadas em uma narrativa singular que revela as tensões da vida cotidiana mineira da época.

O livro já foi tema de algumas pesquisas, e para fazer uma mensuração, ao suceder uma busca pelo título nas duas principais bases de pesquisas acadêmicas do Brasil ao nível de pós-graduação – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES –, foram encontrados sete estudos, realizados entre os anos de 1992 e 2018. Esses textos analisam questões como a carnavalização da obra, sobretudo do personagem Geraldo Viramundo (Silva; 1992; Almeida, 2004; Castro, 2014); detêm-se na representação da loucura na literatura (Silva, 2008; Castro, 2018); reverberam sobre as representações brasileiras e a construção do anti-herói (Aragão, 2015); e evidenciam as características estruturais e estéticas do romance, destacando a intertextualidade e a paródia presentes no escrito (Galiotto, 2017).

A análise aqui proposta é sustentada pelo entrecruzamento de preceitos da literatura, como a verossimilhança e a intertextualidade; da história, atendo-se ao contexto social representado; e da identidade, pautando-se na ação humana imitada. Com essa interrelação, esse texto busca gerar contribuições com os estudos que desvelam as relações possíveis entre a história e a literatura. Dessa forma, compreendendo que, como bem ponderado por Silva e Velloso (2022), a história e a poética são duas maneiras distintas de narrativas do passado, pela conexão de ambas, tem-se a possibilidade de assimilar as maneiras pelas quais a sociedade confecciona e interpreta as suas dinâmicas e os seus produtos culturais.

Este estudo é, portanto, uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratório-descritiva, cuja finalidade reside em descrever os elementos que fazem menção ao município de Barbacena e analisá-los com o auxílio das categorias elencadas.

### **Entrecruzamentos: literatura, história e identidade**

Ao compreender que as culturas estão relacionadas aos modos pelos quais grupos sociais se organizam e vivenciam suas dinâmicas cotidianas, percebemos que elas conformam as lentes por meio das quais esses grupos enxergam e se percebem no mundo. As formas como expressam seus pontos de vista são de grande valor para os estudos sobre as sociedades. Isso posto, quando se estabelece um diálogo com a cultura, profere-se sobre um “conjunto de sistemas de significados que dão sentido às ações humanas”, e assim, “qualquer ação social é cultural e, por isso, as práticas sociais que expressam, comunicam e produzem significados são práticas de significação, discursivas” (Godoy; Santos, 2014, p. 16).

Ao moldar as maneiras como as pessoas vivenciam suas realidades, a cultura é um elemento fulcral na formação da identidade e no entendimento que o ser humano tem de si e de seu espaço cosmogônico. Se considerarmos as preposições de Charaudeau (2009), entenderemos que existem pelo menos dois tipos de identidade: a social (reconhecida pelo outro) e a discursiva (construída pelo sujeito). De forma geral, a identidade diz respeito ao processo no qual o homem toma consciência de si. Isso ocorre pela relação de sua percepção corporal (e o corpo está inserido em um contexto espacial e temporal) com seus conhecimentos sobre o mundo, suas crenças e suas ações. Ao ter consciência de si, as manifestações do "eu" são reverberadas nas músicas, na gastronomia, na forma como indivíduos e grupos sociais se vestem e nos textos que produzem sobre si, sua rede simbólica e seu imaginário cultural, como é o caso da literatura.

Ao adentrar as especificidades do campo literário, é importante apontar a existência de diferentes definições conceituais para o termo literatura. A proposição de Candido (2006, p. 83) nos parece essencial para iniciar a discussão, pois, para o autor, literatura é um

sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

As palavras do sociólogo trazem à tona uma definição de literatura que faz emergir questões sobre o campo literário e suas fronteiras. Reis (2003), entre muitos apontamentos, traz

elucidações relevantes quando legitima a existência de obras híbridas, ou seja, aquelas que relacionam situações ficcionais com eventos históricos. Existe, ainda, a compreensão de que muitas obras literárias são revestidas com significados históricos e culturais, assim, principalmente por meio de testemunhos, escritores possuem seus textos inscritos em histórias da cultura e em estudos sociológicos. As fronteiras do campo literário seriam, nessa perspectiva, fluidas.

Fato é que existem pelo menos três dimensões, que se interrelacionam e se complementam, que definem a literatura como uma instituição: a) ela é sociocultural ao se relacionar, de alguma forma, com a consciência coletiva de uma sociedade – nesse sentido, seria um instrumento de compromisso social do escritor; b) é histórica quando testemunha o devir da história; e c) é estética por ser estruturada por meio de uma linguagem literária. Com essas três dimensões e a partir dela, é possível pensar que a literatura pode produzir efeitos de sentido para o sujeito, desde sua condição de materialidade ficcional do imaginário cultural. “Esse conceito primordial se evoca, [quando] em termos genéricos, é o repertório de imagens simbólicas de dimensão arquetípica, de ressonância antropológica e psicanalítica, originadas e transmitidas pelo folclore, pela literatura e pelo mito” (Reis, 2003, p. 94). Dessa forma, pela construção literária são expressas marcas relacionadas com o passado, valorizando e referenciando mitos culturais.

No entrelaçamento dessas dimensões, os escritores munem-se de recursos e estilos para conformar a poética. Costa (2008), ao se debruçar sobre a Poética aristotélica, elucida que a arte literária é mimese ao representar algo, cujo objeto são os homens em ação. Nesse processo de imitar, o possível, ou melhor, o verossímil é um elemento no qual os escritores se apoiam para fazer com que o texto seja crível, em seu incessante trabalho de arranjar e rearranjar os elementos simbólicos do real, a fim de que proporcionem o entendimento da realidade. Para isso, existe um esforço em ser fiel aos mitos tradicionais que podem desencadear emoções a partir do inesperado, estruturado pela relação entre o verossímil e o necessário. É nesse sentido que, com apoio em eventos históricos, personagens são criadas e expressas em situações que evidenciam um percurso representativo da ordem emocional, instalando no leitor a ilusão do simulacro do real.

Essa trama de dimensões é dialógica: novos textos são criados a partir de referências em outros e com outros, ocorrendo, por conseguinte, um cerzido imagético que compõe a significação de entendimento do sujeito no mundo, ao que se chama intertextualidade. Esse conceito foi um dos primeiros a serem ponderados como originários da teoria bakhtiniana. Fiorin (2012), ao debruçar-se e citar o trabalho de Kristeva (1967), diz que os discursos são

tecidos pelo cruzamento de textos. Ainda, consoante Koch e Elias (2010, p. 88), "a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade". Sob essa perspectiva, um texto é tramado pela integração e transformação de outros textos, utilizando-se da memória coletiva para gerar um novo sentido, processo compreendido como intertextualidade.

### **Barbacena figurada em *O Grande Mentecapto* de Fernando Sabino**

Fernando Sabino, ao percorrer alguns municípios de Minas Gerais, pautando-se pelo recurso da verossimilhança, fez com que Geraldo Viramundo vivenciasse diferentes contextos locais que eram próprios das regiões atravessadas. Entre essas cidades, tem-se um destaque para Barbacena (capítulo IV), município localizado no Campo das Vertentes.

Nas primeiras nuances da representação da cidade na obra, no quarto capítulo, algumas características históricas do lugar já são anunciadas: “De como Viramundo colheu rosas e espinhos em Barbacena, indo parar num hospício de onde logrou fugir, graças a uma treta bem-sucedida, e acabou candidato a prefeito da cidade” (Sabino, 2011, p. 83). Nesse trecho inicial, três aspectos chamam atenção: I) a produção de rosas, que foi, ao longo da história, um pilar socioeconômico para a região, o que levou o município a receber a alcunha de “cidade das rosas”; II) o hospital psiquiátrico da obra, que faz referência ao Hospital Colônia de Barbacena – motivo pelo qual o município recebeu o “título” de “cidade dos loucos”; e III) o fato de se tornar prefeito traz indicações do contexto político conturbado, em que poucas famílias, ao longo da história, trocam, de forma sucessiva, o comando do lugar. Partindo desses apontamentos, conseguimos notar que o autor utiliza da mimese cômica e trágica. Tratamos na sequência sobre cada uma dessas particularidades no livro, evidenciando-as em um paralelo com o contexto sócio-histórico e cultural.

Ao encruzar de Ouro Preto para Barbacena<sup>2</sup>, Viramundo tem em mente que reencontrará seu amor idealizado, Marília Ladisbão<sup>3</sup>. Com esse pensamento, ao saber que estava em um local onde belas flores eram cultivadas, tratou de adquirir algumas rosas para presenteá-la, afinal, como era de conhecimento popular, tratando-se de flores “Barbacena era, diziam, tão pródiga,

---

<sup>2</sup> Esse percurso integra o chamado Caminho Novo – de Ouro Preto a Petrópolis – da Estrada Real. No Brasil colonial, essa estrada era o caminho oficial da coroa portuguesa para controlar o fluxo de minerais que eram explorados em Minas Gerais. Atualmente, a Estrada Real é a mais extensa rota turística do país, e para cruzar o Caminho Novo são necessários pelo menos seis dias de carro (Oliveira, 2020).

<sup>3</sup> Marília era filha do Governador da província Clarimundo Ladisbão e nunca chega a conhecer Viramundo. É descrita na obra como uma mulher gentil, esmerada e educada.

nas mais variegadas espécies e matizes” (Sabino, 2011, p. 84). No livro, Geraldo busca por rosas em um comércio de um alemão chamado Herr Bosmann, pois diziam que ali eram ofertadas as mais tradicionais e melhores variedades produzidas na cidade.

Esse índice narrativo já evidencia um aspecto notável da produção de rosas do local: o marco histórico de início do cultivo e comercialização de flores está associado à imigração europeia que ocorreu na região no período correspondente pelo Pós-Segunda Guerra Mundial, no final de 1940. Fugindo da guerra e das penúrias herdadas, grupos de alemães e italianos imigraram para o Brasil, muitos deles indo parar estado de Minas Gerais e, especialmente, Barbacena. Instalados no local, esses atores sociais receberam terras para que pudessem produzir suas existências. Foi nesse contexto em que rosas e flores começaram a ser cultivadas (Sebrae, 2007; Resende; Toledo, 2014).

Retomando a narrativa, ao buscar pelas rosas na propriedade do alemão, Geraldo observou a presença do proprietário entre as filas de rosas floridas. Quando questionado sobre quantas rosas queria comprar, o mentecapto disse que queria todas as possíveis, pois seriam enviadas à alteza, filha do governador da província. A colocação enunciativa de Geraldo fez com que o proprietário desconfiasse de que Viramundo era um fugitivo de algum manicômio da cidade, por haver muitos desses hospitais espalhados por lá. Confiante de que o comprador não haveria de adquirir rosa alguma, o alemão o expulsou da plantação, proferindo insultos e agressões.

Entre suas andanças pela cidade, o mentecapto conheceu um vendedor de esterco apelidado de Barbeca, que possuía atritos com o floricultor. Em conjunto com o novo conhecido, planejaram se vingar e invadir o negócio do alemão para furtar quantas rosas fosse possível. E assim o fizeram. Após anoitecer, quando todos dormiam, levando dois grandes sacos, os anti-heróis pularam o muro da granja de Herr Bosmann visando completar a missão: roubaram grande montante de rosas e puseram-se a comemorar.

No dia seguinte, Bosmann, ao se dar conta do furto, prestou queixa à polícia, que, sem dificuldade, conseguiu identificar os causadores do ato, que logo foram apreendidos. Barbeca foi preso, pois havia outras queixas registradas em seu nome. Já Viramundo, ao manifestar falta de lucidez, foi enviado para um manicômio. A estadia de Geraldo na instituição não durou muito tempo. Embora ele gostasse de estar ali, uma vez que se sentia em casa, rodeado de irmãos, percebeu que padecia no lugar não por vontade própria, mas como um condenado aprisionado. E, por isso, tratou de planejar uma fuga.

A presença do manicômio na trama desvela um segundo e nefasto evento histórico municipal, o Hospital Colônia. A história desse episódio, ou melhor, a história dos que ali foram

internados e largados para morrer, ficou por um tempo quase esquecida. Foi Arbex (2013) quem devolveu o nome e a identidade desses indivíduos. O local ficou nacional e internacionalmente conhecido como o holocausto brasileiro, pois ali morreram – de frio, de choque, de fome e de doenças, uma vez que eram mal alimentados e (sobre)viviam em meio ao esgoto – mais de 60 mil pessoas, como fora denunciado pela autora. O hospital, que viria a se tornar o maior hospício do Brasil, foi fundado em 1903 e só deixou de funcionar em 1980. A trágica história de mortes é muito recente, tendo seu ápice registrado nas décadas de 1960 e 1970. A questão era tão sórdida que, em 1979, após vir ao Brasil para conhecer o hospital, o psiquiatra italiano Franco Basaglia – que lutou pelo fim dos manicômios – proferiu o seguinte: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo, presenciei uma tragédia como esta” (Arbex, 2013, p. 183).

Regressando para o evento representado no texto, certo dia, ao andar pelo hospital, Geraldo deu-se conta de que o alemão Bosmann se dirigiu ao local para ter certeza de que estaria ali, pagando pelo seu crime. O mentecapto, ao adentrar a enfermaria, avistou um jaleco de médico e não pestanejou em vesti-lo, performando, assim, a figura desse profissional da saúde. Ao deparar-se com dois enfermeiros que não o reconheciam, enunciou que Herr Bosmann estava no local, mas que era um dos pacientes mais perigosos e alucinados que se dizia estrangeiro e proprietário de inúmeras roseiras. Por isso, ordenou que os enfermeiros o internassem o quanto antes, e, assim, executaram o ordenamento. Bosmann, ao ser capturado, vociferava “[...] - É ele! É o vagabundo que destruiu minhas roseiras! Ele é que é o doido e não eu!” (Sabino, 2011, p. 94). Consoante as crônicas da cidade, o alemão passou o resto de sua vida internado no hospício.

Essas duas internações, a de Geraldo e a de Bosmann, representam significativamente a displicência do poder público bem como a escassez de políticas específicas para as questões das enfermidades psíquicas que ainda hoje alcançam os sujeitos sociais. Ademais, trazem as mazelas que dinamizavam o funcionamento do Hospital Colônia, onde não se fazia triagem criteriosa para a institucionalização de novos internos. Como elucidado por Arbex (2013), qualquer pessoa, louca ou sã, se fosse mandada para lá, dificilmente conseguiria se alforriar. Ainda mais inquietante é analisar os números dessa afirmativa: conforme a autora, 70% dos internos não possuíam diagnóstico relativo à doença mental. Eram mandados para a instituição, alcoólatras, epiléticos, prostitutas, homossexuais, ou seja, todas as minorias políticas marginalizadas na ossatura antropológica do país à época, pois incomodavam aqueles que detinham o poder.

Essas discussões possibilitam, ainda, que nos debrucemos sobre o conceito de necropolítica. O fato de um indivíduo detentor de poder ser capaz de decidir quem pode viver e quem deve morrer é a máxima expressão da soberania e, paradoxalmente, a mínima manifestação de humanidade. Nos campos de morte – como o referido hospital – os indivíduos são tolhidos e perdem sua condição política e, desse modo, tem sua existência abreviada, constituindo-se corpos assujeitados, distante dos direitos que lhe conferem humanidade, ou seja, são reduzidos a meros corpos biológicos (Mbembe, 2016). Essas são modulações latentes na obra: a partir do momento em que uma personagem era internada no manicômio representado, ela já não possuía mais liberdade e não teria mais direito de ser quem outrora foi.

Geraldo, já fugido do hospício, pôs-se a conversar com o amigo Barbeca, que também se livrara da prisão, no atravessamento existente entre as ruas da cidade que tinham como nomes Bias Fortes e José Bonifácio. Na oportunidade Barbeca questionou seu interlocutor: “Você é biísta ou bonifacista?” (Sabino, p. 95), aludindo às facções políticas da época. Biísta era a alcunha dada aos apoiadores da família Bias Fortes, já bonifacista era o nome dado aos apoiadores dos Bonifácio Andrada, sendo essas, duas das famílias que, ao longo das eleições municipais, alternam a vitória nas urnas. Barbeca complementou: “Aqui em Barbacena a gente tem de ser biísta ou bonifacista. Você o que é?” (Sabino, 2011, p. 96).

Essa rusga política apresenta-se tão acentuada na obra que é como se as duas famílias fossem as proprietárias do município; tudo na cidade possuía essa divisão, tal qual evidenciado por Barbeca quando proferiu sobre suas posições:

Eu nasci biísta, porque meu nascimento foi na maternidade dos bias. Mas logo virei bonifacista porque fui batizado na igreja dos bonifácios. E assim foi indo na minha vida inteira. Na cidade tudo é duplo: armazém, escola, cinema, clube, salão de barbeiro, até puteiro, tem de um e tem de outro [...]. Bem, hoje de manhã eu acordei bonifacista porque a primeira coisa que eu fiz foi tomar uma cachacinha no botequim dos bonifácios. Depois fui levar uns sacos de esterco na fazenda dos bias e voltei de lá biísta. [...] Ainda agorinha nós estávamos ali na Rua Bias Fortes, de modos que eu era biísta. Agora estamos indo pela Rua José Bonifácio, de modos que eu sou bonifacista (Sabino, 2011, p. 96).

Entretanto, naquele ano, o então governador Clarimundo Ladisbão havia sentenciado que escolheria o próximo prefeito, que deveria ser o único candidato ao pleito, cerceando o direito das forças políticas locais de concorrerem na nova eleição. Bias Fortes e Bonifácios, que há tempos rivalizavam, puseram-se semelhantemente em repúdio a tal determinação. As famílias empenharam-se, então, em lançar um candidato para protestar contra a decisão governamental – protestar, pois a decisão já estava tomada e a eleição não seria resolvida pelos



votos. No intento de desmoralizar a eleição, a figura de Geraldo Viramundo foi escolhida para o pleito:

Uma comissão recrutada entre os frequentadores do bar dos bias foi jocosamente comunicar ao grande mentecapto o papel histórico que lhe estava reservado, logo secundada por outra comissão, egressa do bar dos bonifácios. Viramundo, que tinha como abrigo nas suas noites os desvãos das pontes, das soleiras das portas e as betesgas dos subúrbios, erigira em seu escritório e quartel-general um banco da praça. Ali o foram encontrar os portadores da honrosa missão que lhe era outorgada (Sabino, 2011, p. 100).

Assim ocorreu. O mentecapto participou de comícios, evidenciou seu programa de gestão, que era regido pela introdução de inovações na vida política. A população de Barbacena animava-se com a farsa, pois estava afrontando o governo. O sucesso popular era tamanho que, mesmo tendo uma pseudocandidatura, inquietou o político oficial, Praxedes Borba Gato, que ninguém sabia de onde vinha. Uma grande preocupação foi gerada e, ao ser desafiado para um debate, Borba Gato aceitou. O debate aconteceu, sob a realização de perguntas estapafúrdias que não possuíam embasamento lógico e histórico, como, por exemplo, “Qual o animal que come com o rabo?”. O mentecapto venceu a disputa retórica, sendo seu êxito extremamente comemorado pelo público barbacenense (Sabino, 2011, p. 105).

Borba Gato também foi ao debate público, cercado por militares e por um oficial (tenente). Ao final, o comandante da escolta se dirigiu até Viramundo para questioná-lo se ele era conscrito e se já teria cumprido com suas obrigações militares. Conferindo respostas negativas para as duas questões, recebeu voz de prisão. Assim, a trajetória do mentecapto se encerrou no município, pois, do palco, foi conduzido diretamente a um vagão de trem que tinha como destino Juiz de Fora, “para integrar o glorioso Exército de Caxias e assim cumprir seu dever para com a pátria” (Sabino, 2011, p. 108).

Ao olhar para o contexto político de Barbacena, conforme tencionado por Ladeira (2009), ao largo da história local, essas duas famílias, de fato, possuíram relações e tensões políticas. Desde o final do século XIX, eram membros desses grupos que comandavam as dinâmicas da política local. Consequentemente, a cidade foi um palanque de acordos e disputas por poder – seja diretamente por membros das famílias, já que, de acordo com dados da Prefeitura Municipal de Barbacena, desde o ano de 1930 até o momento – 2023 – foram eleitos 29 prefeitos, e desses, cinco eram pertencentes aos Bonifácio Andrada e três aos Bias Fortes, ou indiretamente, por aqueles políticos que se elegeram com apoio e influência desses grupos.

Nessa circunstância,

Na cidade, as questões políticas assumem conotações de religião civil; ser “biísta” ou “bonifacista” não consiste em simplesmente ser simpatizante de um ou de outro político, mas lutar por uma causa, mesmo sem saber o porquê de tais atitudes. Durante

muito tempo, boa parte dos barbacenenses perdeu, de alguma forma, sua liberdade ideológica. Eram cidadãos guiados intelectualmente não por seus livres pensamentos, mas pela corrente política à qual pertenciam; a ela deviam, em troca de alguns privilégios, completa fidelidade. Os solares dos Andrada e dos Bias eram mais que moradas das famílias mais influentes de Barbacena, eram verdadeiros “templos políticos” (Ladeira, 2009).

A rivalidade entre esses dois grupos foi transfigurada em mito, o que beneficiou os pertencentes de ambos os clãs e, assim, “as duas famílias polarizaram a política local e, dessa forma, não deram margem à emergência de outros atores políticos, criando uma estrutura maniqueísta na cidade: ou Bias, ou Andrada” (Ladeira, 2009).

Para além desses três aspectos mensurados ao longo desse artigo, outro marco relacionado ao município foi evidenciado, quando foi destacada a presença de uma importante figura histórica no local. Em dado momento da narrativa, os dois amigos, ao perambularem pelas ruas, Geraldo avistou um café e perguntou ao amigo a qual lado político o estabelecimento pertencia. Barbeca, então, disse que aquele era o único lugar neutro da cidade, pois havia ficado conhecido como o café do seu Jorge Francês. Tal proprietário era um importante escritor francês que residia no município: tratava-se de Georges Bernanos (1888-1948). Como Viramundo era um grande leitor, conhecia o escritor e logo foi cumprimentá-lo, chamando-lhe de “o consagrado autor do *Diário de um Pároco de Aldeia*” (Sabino, 2011, p. 97). E ambos passaram a conversar em francês.

Essa aparição foge dos três pontos observados inicialmente, mas, ainda assim, representa de forma verossimilhante o acontecido do município. Georges Bernanos, escritor e jornalista francês, viveu no Brasil entre os anos de 1938 e 1945. Quando chegou ao país, já era um escritor conhecido, sobretudo pelo livro que fora mencionado na obra aqui analisada – *Diário de um Pároco de Aldeia*, publicado em 1936. Bernanos exilou-se no Brasil até o final da Segunda Guerra Mundial e, entre os locais nos quais se instalou, está o município de Barbacena. Na cidade, frequentava cafés e, nesses locais, escrevia para jornais brasileiros e franceses. Em 1942, ainda no município, escreveu o texto *Lettre aux Anglais*, homenageando os ingleses, além de enunciar, no prefácio desse escrito, suas angústias vividas em exílio e suas impressões do Brasil (Lignani, 2021).

A importância da passagem de Georges na cidade é tamanha que, na casa em que o escritor viveu na década de 1940, foi instalado um museu que leva seu nome, cujo acervo é composto por livros, móveis e objetos que ajudam a contar a história de sua trajetória por Barbacena. Segundo Dias Júnior (2019), o local tornou-se um bem cultural protegido por um

decreto municipal, reverberando a sua relevância patrimonial. O museu foi inaugurado no ano de 1968 – 20 anos após a morte de Bernanos.

A inclusão de nomes e figuras históricas reais na narrativa evidencia a presença da intertextualidade na obra. Utilizando-se dessa técnica, tem-se criada uma rede dialógica de significados e de conexões: "a retomada de texto(s) em outro(s) texto(s) propicia a construção de novos sentidos, uma vez que são inseridos em uma outra situação de comunicação, com outras configurações e objetivos" (Koch; Elias, 2010, p. 87-88). A incorporação faz com que o texto de Sabino tenha autenticidade, ao passo em que dialoga com a memória coletiva de Barbacena, o que gera significados específicos para leitores que estão familiarizados com a história do local. A inserção de uma figura real como Bernanos na narrativa ficcional de Sabino cria um jogo interessante entre realidade e ficção, desafiando a fronteira entre esses dois domínios.

### **Considerações Finais**

Pelo conjunto de elementos figurados na obra analisada, Fernando Sabino (2011), tendo entre os seus recursos a mimese e a verossimilhança, narra não só as dinâmicas cotidianas amparadas no contexto histórico-social e cultural, como, principalmente, elucida nuances das ações humanas e suas reverberações, sendo, portanto, identificadas em amálgama, as dimensões histórica, social e estética na construção do texto literário.

Na malha ficcional, quando Geraldo Viramundo perambula pela cidade de Barbacena, são representados fatos históricos, especialmente no que tange aos seguintes índices: a) a produção endógena do local, que, durante muito tempo, teve no cultivo e na comercialização de flores e rosas o seu grande motor econômico – e essa produção esteve atrelada à imigração europeia no local, fato representado na figura do alemão Herr Bosmann; b) a nefasta história do Hospital Colônia, que, na obra, é abordada na forma de um manicômio e pode ser entendida como uma denúncia do autor, tendo em vista que o texto foi publicado pela primeira vez no ano de 1979, mas que começou a ser escrito no ano de 1946; c) o atribulado contexto político, no qual duas famílias, a partir de suas relações e disputas, monopolizam as dinâmicas políticas da localidade, questão salientada de forma direta e nominativa; e d) a presença de figuras históricas, como a do escritor francês Georges Bernanos.

Possuindo a figura do anti-herói como centralidade operatória da narrativa, a história, o social e a literatura fundem-se em uma só materialidade, na qual as pulsões e as penúrias humanas são narradas, movimentando a condição natural do sujeito sob a ordem do estado vigente a uma condição de inoperância e objetividade no imaginário social. Nas especificidades

desse texto, os mitos da cidade de Barbacena avultam: é a cidade dos imigrantes, dos exilados, das rosas, dos loucos, dos biístas e dos bonifacistas, arquétipos fundantes de uma ordem que marginaliza e encarcera sujeitos que não estão localizados na homogeneidade do discurso do poder.

### Referências

ALMEIDA, Giovanna Guarize Batista Amaral de. **Viramundo**: a personagem carnavalizada de Fernando Sabino. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2004. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_55c62f6cc8cd348718d5b500a5668541](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_55c62f6cc8cd348718d5b500a5668541).

Acesso em: 20 dez. 2023.

ARAGÃO, Hudson Oliveira Fontes. **O grande mentecapto, de F. Sabino**: a construção literária e social do anti-herói Geraldo Viramundo. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5676>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CASTRO, Maraiza Almeida Ruiz de. **O Grande Mentecapto**: romance carnavalizado. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122243>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CASTRO, Maraiza Almeida Ruiz de. **Uma compreensão da loucura em Quincas Borba, O louco do Cati e O Grande Mentecapto: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea**. 2018. 373 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/152908>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009.

CHIAPPINI, Lígia. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 18-28, 2000. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i5p18-28. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/18276>. Acesso em: 17 nov. 2023.

COSTA, Lígia Militz da. A mimese e a verossimilhança na Poética. *In*: COSTA, Lígia Militz da. **A Poética de Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 47-53.

DIAS JÚNIOR, Daniel de Paiva. **Projeto para o Museu Georges Bernanos em Barbacena, Minas Gerais**: patrimônio e identidade cultural. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado em

Arquitetura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/889861.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 161-193.

GALIOTTO, Lindamar de Fátima. **O Grande Mentecapto: do texto à tela**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária), Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Author/Home?author=LINDAMAR+DE+FATIMA+GALIOTTO>. Acesso em: 20 dez. 2023.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 15-41, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-46982014000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/g9PftWn8KMYfNPBs7TLfC8D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

LADEIRA, Francisco Fernandes. As relações políticas entre as famílias Bias Fortes e Andrada na cidade de Barbacena: da formação da poderosa aliança à criação do mito da acirrada rivalidade. **Mal-Estar e Sociedade**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 55-76, nov. 2009. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/20>. Acesso em: 19 dez. 2023.

LIGNANI, Cássio Oliveira. **Tédio, morte e santidade nas obras Sob o Sol de Satã e Diário de um pároco de aldeia, de Georges Bernanos**. 2021. 156 f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44823/3/tese\\_versaofinal\\_clignani\\_nf.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44823/3/tese_versaofinal_clignani_nf.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 32, p. 122-151, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 dez. 2023.

OLIVEIRA, Silvia. **Estrada Real: guia completo para percorrer o caminho mais famoso do Brasil Colônia**. guia completo para percorrer o caminho mais famoso do Brasil Colônia. 2020. Disponível em: <https://www.matraqueando.com.br/estrada-real-como-percorrer-o-caminho-mais-famoso-do-brasil-colonia>. Acesso em: 19 dez. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBACENA. **Ex-Prefeitos**. 2023?. Disponível em: <https://barbacena.mg.gov.br/ex-prefeitos>. Acesso em: 20 dez. 2023.

REIS, Carlos. A literatura como instituição. In: REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 19-95.

RESENDE, Webert Tadeu; TOLEDO, Márcio. Especialização regional produtiva em Barbacena (MG) e municípios vizinhos: o cultivo das rosas. **Caderno de Geografia**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 179-190, 6 jun. 2014. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<http://dx.doi.org/10.5752/p.2318-2962.2014v24nespp179>. Disponível em:  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/7601>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SABINO, Fernando. **O Grande Mentecapto**: relato das aventuras e desventuras de viramundo e de suas inenarráveis peregrinações. 75. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SEBRAE. **Histórias de sucesso**: agronegócios - floricultura. Brasília: Sebrae, 2007. Coordenadora nacional do projeto Casos de Sucesso Renata Barbosa de Araújo Duarte.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. **Olhando sobre o muro**: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea. 2008. 29 f. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em:  
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1679>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, Gustavo Rocha Ferreira e. Multicolorismo e intextualidade em O grande mentecapto, de Fernando Sabino. Sapiens - Revista de Divulgação Científica, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 65-86, 30 set. 2022. **SAPIENS** - Revista de divulgação Científica.  
<http://dx.doi.org/10.36704/sapiens.v4i1.6783>. Disponível em:  
<https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/6783>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SILVA, Lazara Lopes de F. **As Picardias de Viramundo**. 1992. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1992. Disponível em:  
[https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_761782fe5dbbbabdf022b7e62295928c](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_761782fe5dbbbabdf022b7e62295928c). Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, Mateus Roque da; VELLOSO, Andrezza Alves. Um passado, múltiplas formas de leitura: tensões e intersecções entre história e literatura. In: **História e Literatura**: relações possíveis, [S.L.], p. 14-39, 2022. Pimenta Cultural.  
<http://dx.doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.01113.1>. Disponível em:  
<https://dspace.ifrs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/741/123456789741.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 dez. 2023.